

RECONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO ESCOLAR DE MATO GROSSO

Fernando Zolin Vesz¹

Nada é menos anódino que a reflexão, sobretudo se estivermos dispostos a refletir sobre problemas insolúveis, sobre dilemas, sobre a questão da finalidade e do sentido. Abrimos, então, a caixa de Pandora, sem saber se poderemos fechá-la novamente (PERRENOUD, 2008, p. 65).

RESUMO

Este artigo propõe apresentar um quadro atual do ensino e da aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar do Estado de Mato Grosso por meio da análise de um projeto de ensino de línguas estrangeiras. O estudo apontou que os alunos desejam e consideram imprescindível o conhecimento do idioma, principalmente devido as suas representações sobre a contemporaneidade. Entretanto, o ensino da língua ainda continua pautado em práticas pedagógicas tradicionais, como a tradução e exercícios gramaticais. Desta forma, o estudo sugere que os professores reconsiderem suas posturas e representações.

Palavras-chave: língua inglesa, contexto escolar, estado de mato grosso.

Introdução

A literatura sobre ensino e aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar brasileiro vem apontando resultados pouco animadores.

Dias & Assis-Peterson (2006), por exemplo, ao analisarem as “vozes de pais e alunos” em contraponto às “vozes da escola”, demonstram a disparidade entre o que pais e alunos esperam do ensino da língua inglesa e o que de fato ocorre na escola analisada. Segundo este estudo, os pais consideram o conhecimento da língua inglesa essencial, uma vez que sem o seu conhecimento o indivíduo não se insere na contemporaneidade, “(...) não participa de setores profissionais que se modificam continuamente, tendo em vista os movimentos econômicos decorrentes do processo de

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) – campus Juína. Graduado em Letras – Habilitação Português/Inglês pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: fernando.vez@jna.ifmt.edu.br

internacionalização de empresas, dos avanços tecnológicos que mundializam ideias, culturas e consumo” (DIAS & ASSIS-PETERSON, 2006, p. 113). Entretanto, a crença de que não se aprende inglês na escola também se encontra presente nas vozes dos pais:

“(...) no curso é que ele vai aprender mesmo. Na escola, não aprende na escola não, na escola é (...) pra tapear, pra dizer...”

“Seria bom fazer um curso... desses cursos de inglês... desses caros (...) na escola ele estuda, estuda e não vejo que aprendeu (...) talvez fosse bom estudar (...) fora da escola...” (DIAS & ASSIS-PETERSON, 2006, p. 120).

Em outro estudo, Cox & Assis-Peterson (2008) narram a história do ensino de inglês na escola pública brasileira, “ora como coadjuvantes, ora como protagonistas”, nos últimos 50 anos. Afirmam, contudo, que “não existe proposta de ensino de inglês, ou outra LE, que possa vingar se as atuais condições de oferta da disciplina não forem passadas a limpo” (COX & ASSIS-PETERSON, 2008, p. 46).

Já Lima (2009), em seu trabalho, propõe “(...) estabelecer um espaço de debates, provocações e reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira e internacional (...) por meio de um diálogo com especialistas” (LIMA, 2009, p. 10). Desta forma, uma série de perguntas sobre questões de autonomia, leitura em língua estrangeira, relação entre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o ensino de línguas etc. são respondidas por especialistas de várias universidades brasileiras. Contudo, as perguntas revelam panoramas pouco favoráveis ao ensino da língua inglesa no contexto escolar brasileiro.

“O fato é que estamos com salas superlotadas, pouca carga horária, diversas turmas para trabalhar e uma grande desmotivação quanto à língua inglesa por parte dos estudantes...”
(excerto da pergunta de Antonio Eliseu Lemos Leal Sena *in* LIMA, 2009, p. 31).

“Há diversas dificuldades quanto à disciplina de língua inglesa: muitos (ou quase todos) os alunos de EF e EM consideram o inglês desnecessário, inútil para suas vidas, para seus cotidianos”
(excerto da pergunta de Shirley Guedes *in* LIMA, 2009, p. 53).

Diante deste panorama, este artigo pretende apresentar um quadro atual do ensino da língua inglesa no contexto escolar do Estado de Mato Grosso. Com esta

finalidade, foi aplicado o “Questionário de crenças e experiências de aprendizagem”, com base em Conceição (2006), a alunos do Centro de Estudos da Linguagem (CELING) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) – campus São Vicente. O CELING é um projeto de ensino e extensão que oferece cursos de língua estrangeira (inglês e espanhol) à comunidade interna e externa do Instituto.

O referido questionário foi aplicado com o intuito de coletar as experiências de aprendizagem dos alunos a fim de, a princípio, buscar estratégias de ensino para o primeiro semestre letivo de 2009. A análise dessas experiências revela que o que se tem produzido, em termos de literatura, sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar brasileiro, parece não corresponder à totalidade do que de fato desejam os alunos quando questionados a respeito de suas representações acerca do conhecimento da língua na contemporaneidade e seu ensino.

Experiências de aprendizagem e representações sociais

A meu entender, as representações que os alunos elaboram acerca do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira estão proporcionalmente interligadas às suas experiências prévias de aprendizagem, tanto em avaliações positivas quanto em avaliações negativas dessas estratégias e de seus veiculadores.

Conforme Loureiro (2003), as representações sociais são criadas e recriadas pela totalidade dos membros de uma determinada formação social. Nesse sentido, elas são obra coletiva, socializada. Sofrem a influência da ideologia dos grupos e das classes que dominam a sociedade, haja vista serem sociais (LOUREIRO, 2003, p. 111).

Outro aspecto em relação às representações, ainda segundo Loureiro, é a sua função de responder às demandas da cotidianidade, ou seja, um mesmo objeto social é representado segundo sua maior ou menor importância para a continuidade da vida cotidiana do grupo em questão (LOUREIRO, 2003, p. 112). Sobre este aspecto, Loureiro exemplifica com a crença de que a escolarização propicia ascensão social. No entanto, lembra o autor que essa ascensão só se dá por meio da assimilação do conteúdo veiculado pela escola na sua natureza de conhecimento científico. Isto ajuda a entender, de acordo com o autor, o fracasso que a escola tem na tarefa de lidar com outras formas de conhecimento senão o considerado científico.

Em função dessas peculiaridades das representações, as experiências de aprendizagem deveriam ser consideradas com mais atenção tanto pelas pesquisas em língua estrangeira quanto pelos professores em sala de aula. De acordo com Conceição (2006), muitas das ações e dificuldades dos alunos podem ser explicadas a partir da compreensão de suas experiências e como estas influenciam a aprendizagem (CONCEIÇÃO, 2006, p. 189).

Em seu estudo, a autora busca refletir sobre o ensino de língua inglesa oferecido em escolas de Ensino Médio brasileiras através da análise de relatos de experiências de aprendizagem de alunos de graduação. Seu estudo aponta para experiências de aprendizagem centradas na interpretação de textos e no vocabulário através da utilização de práticas tradicionais de ensino. A crítica de Conceição centra-se no fato de que,

“(…) as experiências de aprendizagem podem transmitir aos aprendizes, através dos métodos utilizados pelo professor e das atividades realizadas em sala de aula, certas mensagens em relação à eficácia de determinadas estratégias de aprendizagem...” (CONCEIÇÃO, 2006, p. 202).

Desta forma, o propósito de guiar os alunos a uma reflexão crítica de suas experiências não seria atingido, pois a ideia de que práticas como a tradução e a memorização de listas de vocabulário, por si só, seriam eficazes na aprendizagem.

O estudo de Conceição demonstra, a meu ver, como o uso de determinadas estratégias influenciam as representações e as ações dos aprendizes na aprendizagem. Por meio da análise do Questionário, foi possível perceber as representações dos alunos acerca do conhecimento da língua inglesa, o que parece vir de encontro a muito do que se pensa e escreve sobre ensino e aprendizagem do idioma no contexto escolar mato-grossense e brasileiro.

A análise

O “Questionário de crenças e experiências de aprendizagem” (vide Anexo 1) foi aplicado no dia 18 de março de 2009 a 85 alunos provenientes de 21 municípios do Estado de Mato Grosso. A distribuição geográfica dos municípios contempla

praticamente todas as regiões do Estado (vide Anexo 2).

A questão 01 tinha como objetivo coletar as representações e crenças dos informantes sobre o ensino-aprendizagem da língua para os mesmos.

Tabela 1

Questão 01 – Você gosta de estudar inglês? Por quê?

Resposta	Número de respostas
SIM	55
NÃO	20
MAIS OU MENOS	10
	TOTAL: 85

Observa-se que 64,7% dos informantes afirmam gostar de estudar a língua inglesa, o que parece ir de encontro a estudos e depoimentos que creditam ao desinteresse dos alunos o fracasso da aprendizagem do inglês no contexto escolar brasileiro.

Outro aspecto importante sobre a questão 01 é a justificativa dada em cada resposta:

1 – “(...) uma língua estrangeira *primordial* para o mercado de trabalho...”

2 – “Não, mas é *necessário*”.

3 – “(...) Sei que atualmente não é possível vivermos se não conhecermos essa língua”.

4 – “(...) Porque penso que estudar inglês hoje tem a mesma conotação que viver em sociedade: é *necessário*”.

5 – “Não muito, mas essa língua é *muito importante* para prestar vestibular...”

6 – “Sim... O inglês é *muito importante* também para o futuro profissional de cada pessoa”.

7 – “Talvez não seja questão de gostar, mas de *necessidade*”.

8 – “Não, mas vejo o inglês como uma *necessidade*”.

9 – “Sim, (...) e é *essencial* hoje em dia você saber pelo menos o básico”.

Como é possível observar nos depoimentos acima, a representação que os informantes têm da aprendizagem da língua inglesa constitui-se a partir de uma necessidade, na maioria das vezes, profissional do idioma. Desta forma, pode-se concluir que os alunos veem sentido em aprender o idioma uma vez que o mesmo constituir-se-á como um benefício para suas aspirações profissionais de emprego e/ou estudo.

Outro aspecto presente na análise desta questão vem ao encontro do que também propõem Dias & Assis-Peterson (2006). Além da crença de que não se aprende inglês na escola, conforme mencionado, as autoras, ao analisarem as *vozes* de pais, alunos e da escola, concluem que a crença de que “aqueles que não sabem inglês estão fora do mundo” perpassa as “vozes” das três categorias informantes. A analogia global x local, segundo a pesquisa, ressalta “a visão própria do colonizador em que a diferença é lida como carência” (DIAS & ASSIS-PETERSON, 2006, p. 115).

Desta forma, de acordo com Cox & Assis-Peterson (2008), o papel do professor de inglês seria a produção de contra-discursos ao discurso neoliberal difundido por meio do inglês.

“A voz em inglês que o professor tentaria cultivar no aluno não seria aquela colada à voz britânica nativa ou à voz americana, treinada em aulas comunicativas, mas sim aquela que lhe permitiria escrever contra qualquer forma de dominação econômica, política, cultural e lingüística de um país sobre os outros” (COX & ASSIS-PETERSON, 2008, p. 39).

Aqui cabe ressaltar que tanto a pesquisa de Dias & Assis-Peterson (2006) quanto as considerações de Loureiro (2003) convergem no aspecto da escolarização como possibilidade de ascensão social. Dias & Assis-Peterson concluem que, ao estudarem inglês na escola, “os atores se veem inseridos num mundo mais amplo” (DIAS & ASSIS-PETERSON, 2006, p. 116), além de compreenderem que “estudar inglês pode oferecer-lhes um meio para superar dificuldades financeiras e conseguir ter um padrão de vida mais condizente com seus desejos” (DIAS & ASSIS-PETERSON, 2006, p. 119). A concepção da necessidade do conhecimento da língua inglesa apresentada neste estudo pode ter origem nestas representações.

A questão 02 solicitava que os informantes descrevessem sua(s) experiência(s)

prévia(s) de aprendizagem da língua inglesa. Os aspectos mais recorrentes aparecem na tabela abaixo.

Tabela 2 – Experiência(s) Prévia(s) de Aprendizagem da Língua Inglesa

Aspecto	Número de vezes mencionado
1 o básico ensinado na escola	41
2 inglês instrumental/interpretação de textos	11
3 uma aula por semana	06
4 tradução	06
5 professor não fala inglês em sala de aula	05

O primeiro aspecto desdobra-se nos seguintes comentários:

1 “Aprendi o básico, aquele ensinado na escola...”

2 “O que eu sei mesmo são as cores, quase todos os números (os mais fáceis). É isso, porque desde a 7ª série a professora só passava atividades e dava as respostas e não explicava...”

3 “Só mesmo o básico aprendido na escola que não fez a mínima diferença”.

4 “(...) Todos os anos que eu estudei inglês eu aprendi sempre a mesma coisa...”

5 “Apenas o conteúdo ministrado no ensino fundamental e médio, em escola pública”.

6 “São medíocres, não passam de algumas aulas com professores que mal sabiam as pronúncias das palavras”.

Em uma primeira leitura, é latente a crítica que os informantes conduzem ao ensino da língua inglesa na escola. A classificação de “básico, aquele ensinado na escola”, dada por eles ao conhecimento da língua que adquiriram no contexto escolar, parece ser o primeiro indício desta crítica. Além disso, atributos como “medíocres”, “não fez a mínima diferença”, “aprendi sempre a mesma coisa” parecem corroborar neste sentido.

A um primeiro olhar, a literatura sobre ensino de língua inglesa no contexto

escolar parece representar a realidade das escolas, haja vista os outros aspectos também citados na questão 02: pouca carga horária (“uma aula por semana”), ênfase em aspectos pedagógicos tradicionais, centralidade na figura do professor (“professor não fala inglês em sala de aula”) e ênfase na tradução e na “famigerada leitura instrumental de nossos dias” (COX & ASSIS-PETERSON, 2008, p. 21).

Entretanto, resalto aqui dois aspectos que considero imprescindíveis e também aparecem nos dados deste estudo embora não tão evidentes. Em primeiro lugar, é preciso considerar que os alunos gostam de estudar inglês (aproximadamente 65% dos entrevistados responderam sim para esta pergunta neste estudo) e, acima de tudo, veem o conhecimento da língua como necessidade para inserção no mundo do trabalho.

Em segundo lugar, destaco o papel da escola na aprendizagem da língua para esses alunos. Apesar das críticas que os depoimentos apresentam (de que o ensino do idioma é medíocre, repetitivo e irrelevante), a escola, mesmo assim, aparece nesses mesmos depoimentos como o local privilegiado de aprendizagem da língua inglesa. É importante observar que, quando questionados sobre sua(s) experiência(s) prévia(s) de aprendizagem, não há menção a escolas de idiomas. Conclui-se, portanto, que a escola regular continua sendo a principal instituição para aprendizagem da língua inglesa para uma parcela considerável da população mato-grossense.

Por fim, a questão 03 solicitava que os alunos assinalassem quais atividades, dentre as previamente listadas, eram as mais recorrentes em sala de aula. A tabela abaixo representa numericamente os dados coletados.

Tabela 3 – Principais Tipos de Exercícios Desenvolvidos nas Aulas de Língua Inglesa

Principais tipos de exercícios desenvolvidos na aula de inglês	Número de vezes mencionado
1 Tradução	63
2 Exercícios gramaticais	56
3 Listas de vocabulário	38
4 Atividades com música	38
5 Produção de textos (frases)	26
6 Conversação	18

Ao analisar a tabela acima, é possível compreender o porquê tanto das críticas apresentadas na questão 02 quanto da literatura de ensino e aprendizagem da língua

inglesa criticar duramente a disciplina nas escolas. Como afirma Paiva (2009), “de uma coisa tenho certeza: ninguém vai se sentir motivado se, ano após ano, ficar memorizando regras gramaticais e fazendo os mesmos exercícios cansativos e sem sentido” (PAIVA in LIMA, 2009, p. 38).

É possível também compreender a sensação de fracasso dos alunos entrevistados, dos pais e alunos das escolas em geral, da sociedade. Nessa contemporaneidade, na qual o conhecimento da língua inglesa é considerado imprescindível, nós, professores, não proporcionamos condições para que nossos alunos possam de fato utilizar a língua durante as aulas com propósitos reais. Acredito que, a partir do momento em que repensarmos nossas concepções de ensino da língua, dados bem mais satisfatórios surgirão em estudos futuros, uma vez que os alunos mato-grossenses entendem o conhecimento da língua inglesa como porta para o acesso ao mundo do trabalho e do conhecimento, conforme explicitado neste artigo, e, principalmente, querem estudar o idioma.

Conclusão

O estudo demonstrou, a meu ver, que nós, professores, precisamos reconsiderar nossas posturas e representações.

Inicialmente, precisamos reconhecer que nossos alunos não são tão desinteressados nem menosprezam o conhecimento da língua inglesa como vimos supondo e atestando. A representação da aprendizagem do idioma pelos alunos aqui analisados demonstra que eles veem sentido em estudar a língua e, principalmente, desejam aprender o idioma. Além disso, a escola parece representar a principal instituição de aprendizagem da língua inglesa para a maioria dos estudantes mato-grossenses. Mesmo ensinando o “básico”, como os próprios alunos descrevem o ensino do idioma nessa instituição, é importante salientar que de alguma forma eles a consideram uma fonte para a aprendizagem da língua. O grande empecilho, de acordo com os dados, parece ser a abordagem como o ensino da língua inglesa é apresentado pela escola: os principais tipos de exercício propostos em sala de aula continuam sendo a tradução e os exercícios gramaticais. Apesar de todos os percalços que ainda assolam o contexto escolar mato-grossense e brasileiro para o ensino de línguas estrangeiras, como carga horária reduzida, salas de aula com número de alunos acima do

recomendável, ensino seriado, etc., não os considero como razão para insistirmos em aulas pautadas em práticas tradicionais de ensino.

Para Conceição (2006, p. 204), “os professores devem também ser levados a refletir a respeito de suas próprias experiências e crenças de aprendizagem e da maneira como essas experiências têm influenciado sua abordagem de ensinar”. Conforme a mitologia grega, ao abrir a caixa, Pandora liberou todos os males no mundo, mas a fechou antes que a esperança pudesse sair. Abrir a caixa de Pandora, permitir que todas as aflições que envolvem o ensino-aprendizagem da língua inglesa no contexto da escola sejam libertadas e reconsiderá-las, portanto, parece ser a melhor alternativa, uma vez que a esperança, de acordo com o mito, ainda continua dentro da caixa.

Referências

CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. *Experiências de Aprendizagem: reflexões sobre o ensino de língua estrangeira no contexto escolar brasileiro*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte: UFMG, n. 6, vol. 2, 2006, p. 185-206.

COX, Maria Inês Pagliarini & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. O Drama do Ensino de Inglês na Escola Pública Brasileira. IN: ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (org.). *Línguas Estrangeiras: para além do método*. São Carlos/Cuiabá: Pedro & João Editores/EdUFMT, 2008.

DIAS, Maria Helena Moreira & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. *O Inglês na Escola Pública: vozes de pais e alunos*. Polifonia n. 12, vol. 2, 2006, p. 107-128.

LIMA, Diógenes Cândido (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.

LOUREIRO, Marcos Corrêa da S. Representações Sociais e Formação de Professores. IN: CAMPOS, Pedro Humberto F. & LOUREIRO, Marcos Corrêa da S. *Representações Sociais e Práticas Educativas*. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. O Ensino de Língua Estrangeira e a Questão da Autonomia. IN: LIMA, Diógenes Cândido (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.

PERRENOUD, Philippe. *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RECONSIDERING EFL TEACHING AND LEARNING PROCESSES IN THE SCHOOLS OF MATO GROSSO STATE

ABSTRACT

This paper presents a current situation of EFL teaching and learning in the schools of Mato Grosso State through the analysis of an FL teaching project work. The study pointed out that students wish to learn the language and consider it as necessary due to their representations on the contemporaneity mainly. However, EFL teaching still remains traditional practices such as translation and grammar exercises. Then the study suggests that EFL teachers analyze their positions and representations.

Keywords: efl, schools, mato grosso state.

ANEXOS

Anexo 1

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO – CAMPUS SÃO VICENTE CENTRO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - CELING

Questionário de crenças e experiências de aprendizagem

1. Você gosta de estudar inglês? Por quê?

2. Descreva sua(s) experiência(s) prévia(s) de aprendizagem da língua inglesa.

3. Quais eram as atividades realizadas com mais frequência na sala de aula?

- () tradução
- () exercícios gramaticais
- () conversação
- () listas de vocabulário
- () atividades com música
- () produção de textos
- () outras

4. Que aspectos na(s) sua(s) experiência(s) anterior(es) com a aprendizagem de língua inglesa você gostaria que se repetissem no CELING? E que aspectos você gostaria que não se repetissem?

Adaptado de CONCEIÇÃO, Mariney Pereira. Experiências de Aprendizagem: reflexões sobre o ensino de língua estrangeira no contexto escolar brasileiro. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte: UFMG, n. 6, vol. 2, 2006, p. 185-206.

Anexo 2

Número de Questionários Respondidos por Município

Município	Número de questionários respondidos
1 Barão do Melgaço	01
2 Campo Verde	16
3 Canarana	02
4 Chapada dos Guimarães	01
5 Colíder	01
6 Cuiabá	23
7 Dom Aquino	01
8 Guarantã do Norte	05
9 Jaciara	01
10 Juara	02
11 Juscimeira	01
12 Nova Brasilândia	01
13 Nova Olímpia	01
14 Paranatinga	01
15 Pedra Preta	02
16 Peixoto de Azevedo	02
17 Porto dos Gaúchos	02
18 Rondonópolis	04
19 Santo Antônio do Leverger	09
20 Tangará da Serra	02
21 Várzea Grande	02
Não informado	05
TOTAL: 85	